

## RÉGIO, JOSÉ

(pseudónimo de José Maria dos Reis Pereira; Vila do Conde, 1901 – 1969)

Fundador, em 1927, com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, da folha de arte e crítica «presença», nela publicou em 1934 a «fantasia» num acto *Três Máscaras* e em 1930-31 dois fragmentos do «mistério» *Jacob e o Anjo\**, que, na sua versão integral (3 actos, um prólogo e um epílogo), seria dado a conhecer em 1937, através da «Revista de Portugal». Estas duas peças foram reunidas, com um importante posfácio, num volume que se editou em 1940, e a elas seguiram-se o drama *Benilde ou a Virgem-Mãe\** (1947), o «poema-espectacular» *El-Rei Sebastião* (1949) e a tragicomédia *A Salvação do Mundo* (1954), todas em 3 actos, e duas peças num acto, a farsa *O Meu Caso\** e o episódio tragicómico *Mário ou Eu Próprio – o Outro* (1957). O seu teatro (a que é marginal uma fantasia num acto, inédita, *Sonho duma Véspera de Exame*, representada por estudantes em Portalegre e em 1936), que ele considerava «a parte mais original, e conseqüentemente mais incompreendida» da sua vasta obra literária, é ainda um prolongamento desta, na medida em que transfere para o plano dramático o debate travado desde os *Poemas de Deus e do Diabo* (1925), ora expresso num estilo de eloquência barroca (*Jacob e o Anjo*, *A Salvação do Mundo*), ora num aparente naturalismo (*Benilde*). O palco, porém, foi-lhe esquivo – apesar de, em textos teóricos, consubstanciados num longo ensaio publicado em 1967, *Vistas sobre o Teatro*, repetidamente defender que «a lembrança do público, a ideia da presença do público, não é indiferente mesmo no instante da criação»: *Jacob e o Anjo* só em 1968 pôde estrear-se em Portugal (tendo-o sido antes em tradução francesa no «Studio des Champs-Élysées» de Paris, em 1952), *A Salvação do Mundo* foi representada pelo Grupo Cénico de Direito em 1956, *El-Rei Sebastião* nunca o chegou a ser. Só *Benilde* subiu à cena no Teatro Nacional, no mesmo ano em que foi publicada (1947), desencadeando forte polémica. Seria esse mais um dos «longos mal-entendidos entre o poeta e o mundo» a que alude um dos seus versos...

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 116.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.